

A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES DO 6º E 7º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL

SEXUAL EDUCATION IN ADOLESCENCE: CASE STUDY WITH 6TH AND 7TH YEAR STUDENTS IN ELEMENTARY SCHOOL

Data de aceite: 18/03/2025 | Data de submissão: 27/02/2025

BARBOSA, Ozilene da Silva, Especialista

SEMEEC, Tefé, Brasil, E-mail: ozilenelucasemmanuel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2229-4809>

NUNES, Roseane Batista, Especialista

SEMEEC, Tefé, Brasil, E-mail: rosaebruno2010@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1823-5027>

RESUMO

Este trabalho apresentou uma abordagem sobre a relevância da educação sexual na adolescência, com estudantes do 6º e 7º ano do ensino fundamental, no município de Tefé-AM. Esta pesquisa trouxe a possibilidade de conhecer o desenvolvimento e o comportamento dos estudantes, a partir da observação em sala de aula em momentos de palestras sobre o tema, bem como as barreiras colocadas por alguns professores em trabalhar o tema em sala de aula. A abordagem qualitativa foi utilizada para análise e interpretação da coleta de dados, com técnicas utilizadas de observação dos participantes, entrevistas, aplicação de questionário para estudantes, pais e professores. O resultado constatou fatores que interferem no trabalho com a educação sexual em sala de aula, mas pode-se afirmar que a busca de métodos inovadores para as práticas pedagógicas permitiu desmistificar a questão da sexualidade no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Sexual; Adolescência; Prática Pedagógica; Sexualidade.

ABSTRACT

This work presented an approach to the relevance of sexual education in adolescence, with students in the 6th and 7th year of elementary school, in the municipality of Tefé-AM. This research brought the possibility of knowing the development and behavior of students, based on classroom observation during lectures on the topic, as well as the barriers placed by some teachers in working on the topic in the classroom. The qualitative approach was used to analyze and interpret data collection, with techniques used to observe participants, interviews, and questionnaires for students, parents and teachers. The result found factors that interfere with the work with sexual education in the classroom, but it can be said that the search for innovative methods for pedagogical practices allowed demystifying the issue of sexuality in the school environment.

Keywords: Sex Education; Adolescence; Pedagogical Practice; Sexuality.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho surgiu a partir do estágio de observação em sala de aula, com a abordagem sobre a educação sexual na adolescência, a partir de estudos de caso no 6º e 7º ano, do ensino fundamental. Essa atividade foi direcionada aos estudantes,

buscando apoiar e compreender as perturbações emocionais, mudanças de humor e rápidas variações na atenção.

O objetivo da pesquisa foi analisar a percepção dos professores sobre a educação sexual, as consequências da falta de informações e a participação dos pais diante dessa abordagem em sala de aula. O campo teórico adotado sondou as prováveis causas pelas quais os jovens não têm o esclarecimento sobre as transformações que acontecem em seus corpos.

A coleta de dados foi realizada a partir da técnica de entrevista com alunos, pais e professores, por meio de perguntas, observando o grau de conhecimento de cada um desse público. O trabalho deu ênfase ao método dedutivo, considerando duas premissas, o meio que os estudantes estão inseridos e a falta de participação dos pais com relação a orientação sexual.

O método partiu de leis gerais para situações particulares, com uma abordagem da fenomenologia e a hermenêutica, que consiste no desvelamento do pressuposto implícito de uma realidade, procurando ultrapassar a aparência do fenômeno real para a captação da essência.

O estudo do tema considerou os conhecimentos necessários que fundamentam o trabalho com a educação sexual voltada aos estudantes jovens e para o aprimoramento dos professores da escola municipal. Esse suporte contribuiu com o aprendizado do estudante e sua percepção sobre problemas ou impactos negativos oriundos da desinformação sobre o tema.

O tema envolveu a caracterização dos gêneros, como chegamos a ser, como nos sentimos a esse respeito e como lidamos com tudo que envolve o relacionamento com os outros. A dificuldade em definir o termo sexualidade trata-se de uma realidade complexa, pois não pode ser definida a partir de uma única perspectiva, tendo em vista a ciência, a biologia, a psicologia, a educação e a cultura familiar. A educação com qualidade deve ter responsabilidade e respeito com as pessoas, buscando trabalhar conhecimentos necessários para contribuir com a sua formação crítica e na reconstrução de uma sociedade igualitária e resiliente.

2. O ADOLESCENTE E A SEXUALIDADE

As transformações que ocorrem na fase da adolescência iniciam-se na fase de da puberdade. A palavra adolescência vem da palavra latina *adoleo*, que significa crescer, também usada para designar o período de mudança que vai dos 10 anos até a maturidade. O termo puberdade trata-se do período em que o corpo passa por várias mudanças biológicas. Nesse período, são detectados fracassos do rendimento escolar dos estudantes do ensino fundamental, ou seja, dos que se encontram no início da adolescência na faixa etária dos 10 aos 13 anos de idade.

Na adolescência o corpo começa a modificar-se num crescimento repentino, que varia entre os sexos. Nesse período o adolescente se mostra bastante preocupado com o seu corpo. Depois, passa a se interessar pelas roupas e sapatos. E finalmente, ensaia os primeiros passos na busca do prazer fora do seu corpo, no mundo objetivo, na realidade (meio físico e social), logo a ciência trouxe à tona o dinamismo dos seres e dos corpos, segundo afirma Itoz (1999). Essa entrada na puberdade significa mudanças fundamentais e significativas no organismo, que se desenvolve na

perspectiva de um ser que se abre a vida, sem certezas ou seguranças preestabelecidas.

A puberdade é iniciada quando os sinais hormonais do cérebro estimulam as glândulas sexuais (ovários ou testículos) para secretar os hormônios sexuais, por isso os adolescentes precisam de esclarecimentos sobre as transformações que ocorrem na sua nessa fase, em seu corpo.

Itoz (1999) afirma que uma glândula, localizada no cérebro, chamada hipófise é a responsável pelas mudanças biológicas no corpo, que também interfere no humor, gerando o bem ou mal-estar, com a sensação de desarranjo ou prazer. Essa glândula provoca mudanças das funções hormonais que estão diretamente ligadas à sexualidade.

As mudanças que ocorrem na puberdade e na adolescência não acontecem do mesmo jeito e nem na mesma velocidade para todos. Isso quer dizer que cada pessoa tem seu ritmo e tempo próprio, observando o mistério que rodeia o adolescente de algo que pode ocasionar danos irreparáveis à sociedade e aos próprios adolescentes em desenvolvimento.

Para Marinho (2005), a adolescência é um período de mudanças de personalidade e o jovem não é um mero espectador dessas mudanças. Ele pode atuar sobre si mesmo, por exemplo, controlando suas explosões temperamentais, aceitando os pais como eles são, abandonando vícios (hábitos ruins, nocivos) e reforçando bons hábitos para superação de problemas e a realização de tarefas.

Ser adolescente é deixar de ser criança, ser capaz de pensar sobre si e sobre o mundo, capaz de inferir no mundo e de gerar filhos. Por isso, conservar com os adolescentes sobre essas mudanças é fundamental. A saúde – física e psíquica – deles e de quem convive com eles pode depender disso (Marinho, 2005, p. 24).

O adolescente precisa conhecer seu próprio corpo e as mudanças da sua vida, pois a puberdade considera um conjunto de corpos, almas, significados, provas, purezas, sutilezas, resultados, promulgações, canções, comandos, saúde e orgulho. Essas transformações para uma vida adulta podem acarretar conflitos e incertezas ao adolescente, que sente um misto de emoções, com a sensação de ser esquisito, diferente, alegre, sentimental, revoltado com tudo, eufórico, tudo ao mesmo tempo se saber o porquê. Muitas são as dúvidas que este assunto gera, as quais são sempre esclarecidas erroneamente pelos amigos, por causa da vergonha e do medo que o adolescente pode ter de conversar com parente ou professor.

2.1 As Mudanças do Corpo

O universo do adolescente é cheio e recheado de curiosidade acerca de sua sexualidade e do sexo oposto. Do ponto de vista biológico, a partir dos 12, 13 ou 14 anos começam as mudanças hormonais da adolescência. Os meninos começam a ejacular e as meninas menstruam pela primeira vez, segundo Marinho (2005).

O corpo do homem e da mulher sempre despertou fascínio, por causa da sua anatomia diferenciada. Sendo que, entre os adolescentes, a curiosidade ainda é mais

acentuada, motivada pelas transformações físicas que estão ocorrendo, o que estimula a descoberta e a comparação dos órgãos genitais femininos e masculinos. Durante a puberdade, todos os órgãos sexuais primários, os órgãos envolvidos na reprodução, aumentam e se tornam funcionalmente maduros.

Nos homens, os testículos começam a produzir espermatozoides e a próstata começa a produzir sêmen, fluido que transporta o espermatozoide. O espermatozoide e o sêmen seguem juntos em canais diferentes. Também ocorrem outras mudanças como o crescimento dos órgãos sexuais, alargamento da parte superior do tronco e dos joelhos, alongamento dos ossos dos membros, aparecimento de pelos e mudanças no timbre de voz, para mais grave.

Nas mulheres, os ovários começam a liberar óvulos maduros das trompas de Falópio. Quando a concepção não ocorre acontece a menstruação. A primeira menstruação, chamada menarca, ocorre em média, por volta dos 11 aos 13 anos. Salientando que, existem meninas que podem menstruar com mais ou menos idade. No período menstrual os seios podem aumentar de tamanho, tornando-se doloridos. Esse fato relaciona-se aos hormônios sexuais femininos que determinam retenção de líquidos no corpo, que se acumulam principalmente nas mamas. Muitas são as modificações que ocorrem no corpo da menina ao longo da puberdade, mas nenhuma gera mais dúvidas que a menstruação. Dorin (1978) afirma que:

Dos 10 aos 16 anos, o organismo humano apresenta uma profunda alteração a que damos o nome de segundo estirão (o primeiro vai dos 4 aos 7 anos). Há um acentuado aumento na estatura dos meninos e meninas, o qual acompanha uma série de transformações anátomo-fisiológicas, quer dizer, na forma do corpo (morfologia) e funcionamento dos órgãos (fisiologia) (Dorin, 1978, p.21).

As mudanças do corpo dos adolescentes são mais perceptíveis nas meninas. A sexualidade fica adormecida até essa fase, sendo despertada a partir dos 11 anos com a chegada da puberdade. Essa fase da vida começa a marcar um novo estágio de desenvolvimento, a genital, onde o prazer momentâneo será marcado com a manipulação dos órgãos genitais. Para Freud (1996), esses impulsos ocorrem nos primeiros anos de vida retornam como as conexões nervosas mais fortes estabelecidas no cérebro na puberdade, com as necessidades e impulsos parecidos com os da primeira e segunda infância.

Nos primeiros anos, a puberdade é a grande estimulação do sistema nervoso autônomo, por motivo do adolescente ainda não ter adquirido hábitos que permitam uma orientação segura do seu comportamento psicossocial. Assim, os hábitos dos adolescentes na formação de sua personalidade tendem ao uso da boca, com o ato de fumar, assobiar, tocar instrumento musical, de sopro, beber muito, mascar goma, beijar. A teoria freudiana desvenda várias críticas, que se aprofundam no desenvolvimento da sexualidade, desde o nascimento até a chegada da puberdade. O processo de fases de desenvolvimento e transformação no comportamento, às necessidades de relações sociais e interpessoais, quanto a sexualidade, pode exigir socialmente, virilidade ou feminilidade, conforme os traços impostos pela cultura.

Freud (1996) emprega o termo sexual para designar atividade que cause prazer, com exceção do coito, que designa como atividade genital. A relação do comportamento sexual e as reações humanas emergem de uma interação entre impulsos hereditários e hábitos estabelecidos pela sociedade.

Na puberdade o objeto do amor para os adolescentes não é mais o próprio corpo, passando a ser o corpo de outra pessoa. Nessa fase o jovem não está em busca do processo reprodutivo, e sim, na busca incessante pelo prazer e, atingir o orgasmo. A masturbação é um dos meios mais usados pelo adolescente, para atingir a sensação da satisfação e os efeitos psicológicos da masturbação, considerados bem maiores que os físicos.

Itoz (1999) afirma que quando se fala em masturbação ficamos apavorados com esse termo, mas para o adolescente a masturbação tem um sentido exploratório e sempre está ligada à busca das áreas prazerosas do próprio corpo. Assim, a escola deve ter o cuidado junto com os pais de buscar de modo adequado a dispor da educação sexual pautada na informação.

2.2 A Educação Sexual na Escola

A escola tem dedicado dentro de seu currículo um tempo especial para a educação sexual. No entanto, ainda não se tem um programa, quer familiar ou educacional, que auxilie diretamente nas questões da sexualidade na adolescência. Esse tema foi descrito por Itoz (1999), argumentando sobre as maiores dificuldades na atual geração de pais e educadores, que não se deram conta de como foram rápidas as transformações e não se prepararam para, junto com os filhos e estudantes, de repensar a fala e a escuta sobre a sexualidade em seus vários aspectos e circunstâncias.

Segundo Brasil (1997), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estão descritos que a sexualidade deve ser abordada, primeiramente, no espaço privado pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, devem ser transmitidos os valores que cada família adota como seus, esperando que as crianças os assumam. Nesse cenário, Itoz (1999) afirma:

Para o adolescente, é importante saber que nesse processo nem os pais nem os educadores possuem todas. Eles também são limitados em cultura adquirida, em experiências vivenciadas e na reflexão quanto a questões de sexualidade. Por isso, abrir-se sempre ao diálogo, dizer-lhes o que sabe e como pensa sobre esses assuntos e, principalmente, ouvir o adolescente e intervir responsabilizando-o por suas posturas, criando nele a autonomia de indivíduo e cidadão (Itoz, 1999, p. 2).

A educação sexual pode ser um processo de intervenção que busca favorecer a reflexão sobre questões gerais da sexualidade. Essa intervenção completa não só a informação, mas também a discussão sobre valores, crenças, preconceitos, experiências individuais e posturas. Ao tecer comentários sobre sexualidade na adolescência, Campos (1997) afirma que a maioria dos adolescentes não dispõe de experiência, sensibilidade e segurança pessoal, exigidas para alguns encontros em que são envolvidos, necessitando de orientação específica num ambiente seguro.

2.3 Parceria dos Pais com a Escola

A desinformação e a falta de coragem de procurar uma pessoa que possa esclarecer as incertezas do adolescente pode viabilizar a sala de aula e o ambiente escolar como uma rede de confiança, com o apoio dos pais, professores e profissionais especialistas.

Paulice (1998) discorre que cabe a escola dar continuidade a esse trabalho, porque a educação sexual trata-se de um tema transversal da educação. Sendo que, nesse contexto o papel do educador passa a ser importante no momento em que o educando está em plena transformação intelectual, afetiva e sexual.

A educação sexual representa na vida do adolescente o quanto se faz necessária em tempos de AIDS, abuso sexual e banalização do sexo pela mídia. A parceria entre pais, estudantes, professores e profissionais especializados permite uma rede segura para construção do conhecimento.

A banalização e superficialidade, não só do sexo, mas de tudo, pois poucos temas sérios são tratados de modo adequado e com a devida seriedade. Desse modo, observa-se que não se dá importância, ou não se vai a fundo das questões. Para Brasil (1997), os pais deveriam ser os primeiros responsáveis pela educação sexual de seus filhos, apesar de não se darem conta desse papel.

2.4 Professor e a Educação Sexual

O tema sexualidade não é fácil, na nossa sociedade existem muitos preconceitos e diferentes aspectos culturais que temos de levar em conta. Não podemos simplesmente impor conceitos repletos de modernismo sem preocupação com os efeitos que causaram ao adolescente.

O educador deve ter subsídios para trabalhar com esse tema em sala de aula e a escola deve conseguir parceiros especialista. O currículo deve buscar por modelos e experiências que obtiveram sucesso, por esse motivo a fundamentação conceitual do educador é essencial para sua prática pedagógica com relação ao processo de ensino. A rotina da sala de aula deve buscar por valores e acolhimento, que se acredita para o desenvolvimento de um trabalho com benefícios e em prol a construção do conhecimento.

O educador deve ter em mente a distinção entre os conceitos de organismo se refere ao aparato herdado e constitucional, a infraestrutura básica, biológica dos seres humanos, o corpo diz respeito às possibilidades de apropriação subjetiva de toda a experiência na interação como meio.

Desse modo, cabe à escola e à família o papel educativo sobre o risco que a sexualidade oferece no mundo real. A informação num ambiente seguro trata-se do desafio disposta aos educadores. O preconceito do educador não pode o paralisar diante da Educação Sexual dentro da sala de aula, pois deve ter o profissionalismo e foco na promoção de condutas preventivas, não impondo limites para o início do desenvolvimento sexual.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da esfera municipal na cidade de Tefé-AM. Essa escola atende atualmente 892 alunos distribuídos de 1º ao 9º ano do ensino fundamental, sendo 313 alunos no turno matutino, 264 alunos no vespertino e 315 alunos no noturno. No PROJOVEM estudam 200 alunos no turno noturno. Esse projeto é direcionado a adultos que se encontram na faixa etária de 18 e 24 anos, que ainda não concluíram o ensino fundamental. Os alunos são oriundos dos bairros de Monte Castelo, São Francisco, São José, Centro, Olaria, Santo Antônio e Santa Rosa.

A escola desenvolve outros projetos sobre o Meio Ambiente, Mais Educação, Ajuda dos Saberes, Escola e Família juntas por um meio ambiente saudável e Jovem cidadão. Todos esses projetos estão sendo trabalhados de forma transversal em parceria com a Universidade Estadual do Amazonas (UEA). O projeto deve ser um eixo organizador da ação de todos que fazem parte da comunidade escolar.

A revisão bibliográfica comportou informações pertinentes a área especializada, ou seja, com teorias, críticas e estudos de pesquisadores especialistas no assunto. A coleta de dados foi realizada no mês de outubro de 2017, mediante entrevistas com 10 (dez) pais que ainda não concluíram o ensino fundamental, 10 (dez) alunos do ensino fundamental e 10 (dez) professores com formação no ensino superior.

A investigação buscou conhecer os fatos que impedem o desenvolvimento de aprendizado do adolescente referente a Educação Sexual. A coleta de dados ocorreu mediante a aplicação de questionário aberto composto por 07 (sete) perguntas, sobre a sexualidade na adolescência, direcionado aos diferentes públicos, pais, estudantes e professores.

4. RESULTADOS

O professor deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestadas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. A relação da sexualidade com o cotidiano da sala de aula ocorre a partir das questões mais simples trazidas pelos alunos. Esse acesso a formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, pode possibilitar a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema.

Os professores possuem a percepção que a sexualidade não se resume apenas nas transformações do corpo, mas também na história, nos costumes, nas relações afetivas e na cultura. Nesse contexto, a sexualidade na visão dos pais tem relação restrita ao ato sexual, onde duas pessoas praticam a relação sexual. Assim, a investigação detectou que os pais não tem informação adequada sobre a sexualidade, pois segundo eles a sexualidade não passa de uma simples transa entre duas pessoas que estão se gostando. Essa desinformação dos pais participantes da pesquisa, tem relação com o baixo nível de escolaridade.

No que diz respeito à definição da sexualidade notou-se que os estudantes sentem dificuldade de conversar sobre questões que envolvem sexualidade. As respostas

dos adolescentes indicam que de certo modo sabem do que se trata, mas não tem a certeza da sexualidade. Também expressaram terem vergonha e medo de conversarem com os pais.

Os pais e os professores mostraram não terem conhecimentos suficientes adequados para serem repassados aos adolescentes que se encontra na faixa etária de 12 a 14 anos. Assim como não possuem estratégias de comunicação na família e na escola, respectivamente, para o estabelecimento de orientações sobre a sexualidade. Na escola os professores devem aproveitar desse espaço para ajudar os estudantes a construir o conhecimento a respeito da sexualidade.

4.1 Sexualidade x Informação

Os adolescentes devem ser esclarecidos sobre a sexualidade para que o desejo do saber não se perca, constituindo-se numa frustração que o acompanhará ao longo de sua vida. As informações corretas, aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade, ampliam a consciência sobre o tema, bem como os cuidados necessários para a prevenção de problemas.

Os professores participantes da pesquisa afirmaram que não existe nenhum tipo de trabalho que envolva a temática da investigação. A formação sexual de crianças, jovens e adultos ainda é um tabu na escola, pois na prática pedagógica analisada não tem desenvolvido projeto para tratar de questões de Educação Sexual. Este estudo detectou a demanda de adolescente grávidas na instituição, com um número razoável, por falta de orientação tanto por parte dos pais como dos professores.

As consequências por falta de informação correta sobre a sexualidade vêm ocorrendo com a maioria dos adolescentes. O trabalho de proposição da Educação Sexual dentro da escola em parceria com os pais e profissionais especializados torna-se, o espaço estimulador e promotor de saúde pública dos estudantes no sentido de conhecer de modo saudável a sexualidade, ajudando-os a discernir atitudes e conceitos.

4.2 Família x Educação Sexual

A família precisa assumir o compromisso e a responsabilidade de ser a primeira fonte a orientar os filhos sobre a sexualidade. Esse papel da família é primordial para o diálogo e o acolhimento dos adolescentes sobre o desenvolvimento e as transformações do corpo, no sentido de proteger o bem estar intelectual, afetivo, cultura e sexual, ou seja, o atributo psicosssexual.

A fala sobre sexualidade no contexto familiar trata-se de um assunto delicado aos pais, pois os mesmos também sentem dificuldade de abordar seus filhos, que por vezes podem se fecharem por vergonha. Logo, torna-se difícil para os adultos abordarem essa temática, pois geralmente não sabem como lidar com isso. Essas são questões relevantes para a vida e a formação dos adolescentes. Por isso, os resultados obtidos forneceram subsídios para que se tenha uma Educação Sexual adequada nas escolas e que as famílias estejam abertas ao diálogo, sabendo ouvir o adolescente, mediante conversas descontraídas e francas com o apoio de

profissionais especializados, que tenham uma linguagem simples que consigam alcançar o entendimento de todos os envolvidos na atividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da sexualidade no início da adolescência é uma temática a ser trabalhada com dedicação, delicadeza, carinho e respeito, pois envolve vários campos do conhecimento, a partir da Educação Sexual. O ambiente escolar deve ser propício para a discussão e a construção consciente com relação ao conhecimento da sexualidade dos estudantes.

A sexualidade bem estruturada dentro de procedimento afetivo natural será um fator decisivo para o ajustamento e felicidade do ser que está em plena transformação. O aprofundamento nas opiniões de estudiosos e pesquisadores foi de extrema relevância para o referencial teórico que conduziu a uma prática pedagógica comprometida com o esclarecimento dos jovens no início da puberdade, alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental, turno matutino da escola da esfera municipal.

Para compreensão da problemática foram analisados e avaliados os fatores que propiciam ou dificultam falar sobre sexualidade com os adolescentes. Nessa fase meninos e meninas perdem o corpo infantil e percebem aos poucos as transformações pertinentes ao corpo do adolescente. A busca pelo prazer e pela liberdade da adolescência denotam concordância ou discordância com o mundo que o cerca, confrontando e desenvolvendo possibilidades na busca do seu próprio desenvolvimento psicosssexual.

A escola precisa de meios para apoiar ações voltadas para o esclarecimento dos estudantes, na fase da adolescência, para o desenvolvimento de suas potencialidades e compreender com tranquilidade a transformação psicosssexual. A parceria professor, aluno e comunidade, envolvendo a família e profissionais especializados, podem em conjunto facilitar o entendimento da sexualidade, assim como minimizar as dificuldades para uma prática coerente e cooperativa.

A escola precisa oferecer formação continuada aos professores sobre métodos que aproximem a família onde pais devem conscientizar-se de que também fazem parte da vida educacional de seus filhos. A segurança e o domínio do tema podem desenvolver com naturalidade e responsabilidade os conhecimentos sobre a sexualidade. O estudante precisa sentir-se encorajado a falar sobre as transformações do seu próprio corpo, com respeito mútuo pelo corpo de seu semelhante. Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pós-Graduação pode contribuir para o esclarecimento sobre a difusão da Educação Sexual em prol da prática pedagógica a respeito da sexualidade dos adolescentes, a partir de reflexões de conhecimento e tomada de decisões para possíveis mudanças no sistema educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 164.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **A sexualidade**. Psicologia e desenvolvimento humano. 2ª ed. Petrópolis, 1997, p. 134.

DORIN, Lannoy. **Psicologia da adolescência**. 5ª ed. São Paulo, 1978, p. 322.

FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: volume 23, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 138.

ITÓZ, Sonia d. **Adolescência e sexualidade para eles e para nós**. São Paulo, 1999.

MARINHO, Fundação Roberto. **Sexualidade, prazer em conhecer**. São Paulo: Globo, 2005, p. 228.

PAULICE, Verônica. **A evolução humana na infância**. Revista Mundo Jovem, São Paulo (SP), ano XXXVI, nº 291, setembro/1998.